

Drummond

## MEU AMIGO SAINT-HILAIRE

**A** moça pintora estranhou que eu ainda não tivesse ido ver sua exposição. Todo mundo já foi lá e gostou. Os quadros estão vendidos. Ela não quer publicidade: quer olhos.

— Apareço qualquer dia. Por enquanto, estou vendo a exposição Saint-Hilaire, na Biblioteca Nacional. Bicentenario do seu nascimento.

— Ela é tão grande assim, que exige muitas visitas?

— Não é isso. É o próprio Saint-Hilaire que eu visito, olhando aquelas gravuras, aqueles livros.

— E que é que você tem com Saint-Hilaire?

— Bem, isso é um caso de simpatia pessoal e também de gratidão. Entre os viajantes estrangeiros do começo do século 19, ele me interessou mais do que qualquer outro, pelo que viu e contou de Minas. E não só de Minas: do Espírito Santo, de Goiás, de São Paulo, do Sul do Brasil. Graças a ele, viajei por essas terras, conheci seus moradores, seus costumes, plantas, animais e minerais, sem precisão de sair de casa. Turismo na toca: haverá maior comodidade?

— Mas é um conhecimento atrasado, de mais de 150 anos!

— E o que você pensa. Muita coisa que ele conta do modo de viver brasileiro ainda permanece atual, nas áreas menos povoadas do interior. Não é porém a atualidade que eu procuro nele, é a observação lúcida, o interesse pelas coisas tanto da natureza como do homem, a inclusão do lado humano na preocupação científica. Ele não pesquisava apenas vegetais e minérios. Interessava-se por tudo, pela sociedade rural e seu indivíduo. O melhor repórter.

E comecei a contar à minha amiga pintora coisas que Saint-Hilaire me contou, ou antes, que fui vendo e sentindo à proporção que lia seus livros, como se viajasse a seu lado, num país de poucas estradas e muito mato, muito abandono.

Cavalgando no rumo da Serra da Canastra, o naturalista francês encontrou o casebre de um homem quase feliz, porque só precisava de uma coisa não encontrada naquele lugar solitário: sal. O mais, necessário à vida, sua pobreza conseguia ali. Com uma vantagem, explicou ao viajante, ao lado da mulher e dos filhos:

— Não gosto de barulho.

A narrativa dos incidentes da excursão, a presença de um violeiro (quem tem viola não precisa trabalhar; é bem recebido em toda parte, pois a música transfigura o aspero viver daquela pobre gente); o bicho-de-pé que ataca à noite o viajante adormecido; a falha de água, com a caneca de ferro esmaltado, para matar a sede na casa do fazendeiro; o diário do cientista, escrito a luz de vela,

no abrigo improvisado com estacas e couros, ao relento, sob o coaxar dos sapos; seu sonho na choupana em ruínas, que o transportou ao castelo de La Touche, habitado na meninice — tudo é bom de se ler em Saint-Hilaire, que perdeu a saúde em seis anos de sertão, mato-virgem e deserto, no Brasil, mas não se arrependia de seus sacrifícios pela ciência e pelo bem-estar coletivo, se seus livros despertassem algum eco moral e prático: desejava para nós uma agricultura florescente, uma infância protegida, uma sociedade decorosa.

■ ■ ■

Agrada-me saber de um homem de ciência que registra a sensação estética de uma paisagem, como esta: "Tive ocasião de rever nesse dia um desses belos efeitos que os bambus produzem nas paisagens. No flanco de um morro escarpado, as hastes compridas e finas dos imensos bambus se encurvavam sobre a copa das árvores encontradas imediatamente abaixo deles, e recaíam sobre outras árvores, mais abaixo ainda, de sorte que do morro oposto podiam ser vistas inteiramente. Os pequenos ramos, guarnecidos de grandes folhas, nascendo em verticilo em torno dessas hastes, compunham grinaldas que o vento mais leve ia balançando graciosamente".

Ou este flagrante de anúncio de tempestade: "Era noite quando voltei do morro de Itabira. Longe, rolava o trovão. Os relâmpagos brilhavam na atmosfera, e notei que eles diferem muito dos que se vêem na Europa. Formam no horizonte uma imensa claridade de cor prateada, no meio da qual um raio de luz mais brilhante se eleva qual um foguete, desaparecendo com o clarão."

Gosto desse velhinho — confessei à minha amiga artista — e até por infantilidade minha. Ele chegou ao Brasil com 37 anos e saiu com 43, mas a imagem que me apraz contemplar é a do retrato pintado por Henrique Mauro, hoje no Museu Paulista: as duas cascatas de cabelos nevados emoldurando o rosto enrugado, entre grave e bonachão, presidido pelo barrete alto. Enfim, cara de um vovô bem oitocentista: o Saint-Hilaire dos 70 anos. Finjo que foi esse ancião quem se orientou através das solidões e perigos brasileiros de 1816-22, desde a cobra até a maleita, passando pela onça, para investigar as peculiaridades do nosso meio físico, e acabou nos legando um minucioso painel da vida brasileira, do Rio de Janeiro ao Rio Grande do Sul: a vida real, difícil, aqui informe, ali selvagem, do minerador, do tropeiro, do caipira, do João-ninguém. E ainda a vida do contrabandista, do curandeiro, do padre maroto, do fazendeiro que trancava mulher e filhas a sete chaves, para forasteiro nenhum arriscar o olho. "Tão Brasil!" como exclamava o poeta.

— Que barato! Então me leva lá na exposição — pediu a moça.

Carlos Drummond de Andrade